



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Linguística

Rodovia Washington Luis, Km 235 - Caixa Postal 676
CEP: 13565-905 – São Carlos – São Paulo – Brasil
Telefone (16) 3351-8360 - Fax: (16) 3351-8353
ppgl@ufscar.br www.ppgl.ufscar.br

PROJETO DE PESQUISA

BOLSA: MESTRADO

A CONSTITUIÇÃO DA FÓRMULA DISCURSIVA “CULTURA DE PAZ”: CIRCULAÇÃO E PRODUÇÃO DOS SENTIDOS

Pesquisadora: Helena Maria Boschi da Silva

Responsável: Prof. Dr. Roberto Leiser Baronas
Co-responsável: Profa. Dra. Luciana Salazar Salgado

Instituição: Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)
Câmpus de São Carlos
Centro de Educação e Ciências Humanas
Departamento de Letras

Área: 8.00.00.00-2 Linguística, Letras e Artes
Sub-área: 8.01.01.00-3 Teoria e Análise Linguística (Análise do Discurso)

Duração do Projeto: 2 anos

Período: 01 de março de 2012 a 28 de fevereiro de 2014



PROJETO DE PESQUISA:

A CONSTITUIÇÃO DA FÓRMULA DISCURSIVA “CULTURA DE PAZ”: CIRCULAÇÃO E PRODUÇÃO DOS SENTIDOS

0. Resumo

Este projeto de pesquisa tem como objetivo abordar discursivamente o sintagma “Cultura de Paz” (com a variante “Cultura da Paz”, em português), com base no quadro teórico e na metodologia propostos por Alice Krieg-Planque (2010) na formulação do conceito “fórmula discursiva”, delineados desde a publicação de sua tese (KRIEG-PLANQUE, 2000) sobre a circulação e os usos da expressão “purificação étnica” na imprensa francesa durante os anos de 1980 a 1994, quando se noticiava a guerra nos Bálcãs. Analisando as diferentes interpretações que caracterizam os discursos de diversos atores sociais entre os quais circula a expressão “Cultura de Paz”, que tem sido amplamente mobilizada em encontros e documentos internacionais e nacionais, abrangendo questões políticas e sociais diversas, procuraremos verificar a circulação dessa expressão e as práticas que ela tem representado, fazendo a hipótese de que a sequência em questão pode ser categorizada como uma fórmula discursiva, segundo os parâmetros de Krieg-Planque.

Com essa pesquisa, teremos a oportunidade de testar a abrangência e a força dessa nova proposta teórica e metodológica, procurando assim dar uma contribuição às pesquisas em Análise do Discurso que têm procurado pensar a produção dos sentidos na

relação do material linguístico com os meios e os materiais em que se inscrevem, e também a seus fluxos de circulação.

1. Introdução e Justificativa, com síntese da bibliografia fundamental

A ideia desse estudo surgiu no Encontro Internacional “En Pie de Paz – Cultura de paz, políticas públicas e desenvolvimento cultural”, do qual participamos nos dias 25 a 27 de abril de 2011, em São Paulo, e no qual tivemos a oportunidade de constatar a diversidade dos participantes de um evento que aborda a supostamente definida “Cultura de Paz”.

Foi nesse encontro que tivemos acesso à Cartilha **Cultura de Paz: Redes de Convivência** (DISKIN, 2009), distribuída a todos os participantes, com a finalidade de disseminar o conhecimento e a prática da mesma. Nela é possível ver exemplos de ações realizadas em prol da “Cultura de Paz” por diversas instituições brasileiras, desde universidades, como a Universidade Aberta do meio Ambiente e da Cultura de Paz - UMAPAZ e a Universidade da Paz – Unipaz, até Secretarias Municipais¹, Associações (que têm como exemplo canônico a Associação Palas Athena) e ONGs.

Percebemos então que a “Cultura de Paz” pode ser considerada um acontecimento discursivo de grande interesse, uma vez que o tema tem sido abordado em fóruns nacionais e internacionais sob as mais diferentes perspectivas, produzindo

¹ A Secretaria Municipal de Esportes, Lazer e Recreação coloca a Cultura de Paz como sendo “política pública deste governo”, utilizando o slogan: “Cultura de Paz: passe esta bola para frente!” (PREFEITURA DE SÃO PAULO, Secretaria Municipal de Esportes, Lazer e Recreação)

inclusive regulações e políticas² baseadas na construção semântica dada por esses encontros de caráter institucionalizante.

Segundo a cartilha **Cultura de Paz: redes de convivência** (DISKIN, 2009, p.19), a expressão “Cultura de Paz” tem sua primeira aparição em 1989, na Conferência Internacional sobre Paz na Mente dos Homens, realizada pela Organização das Nações Unidas para a educação, a ciência e a cultura - UNESCO em Yamoussoukro, na Costa do Marfim. O documento que resultou do encontro é a “Declaração sobre a paz na mente dos homens” (Yassoumoukro, 1989), tratando-se, para Diskin³ (*ibidem*, p.19), de “um dos primeiros documentos internacionais a salientar a mudança conceitual da Paz e as implicações disso na formulação das agendas e prioridades dos governos”.

A partir de então começaram a surgir iniciativas que adotaram a expressão “Cultura de Paz” como lema de suas atividades. Os marcos internacionais mais importantes são sua adoção no Programa da UNESCO, em 1995, a proclamação do ano 2000 como “Ano Internacional por uma Cultura de Paz” e da década 2001-2010 como a “Década Internacional para uma Cultura de Paz e Não Violência para as Crianças do Mundo” pela Assembleia Geral das Nações Unidas - ONU (Resolução de 20 de novembro de 1997 e Resolução de 10 de novembro de 1998, respectivamente), e o lançamento do “Manifesto 2000”, elaborado por ganhadores do Prêmio Nobel da Paz⁴, tendo como mote a frase “A Paz está em Nossas Mãos”⁵.

2 Em 2002 foi criado em São Paulo o Conselho Parlamentar pela Cultura da Paz – CONPAZ, que em 2003 teve seus membros nomeados (“titulares e respectivos substitutos, representantes de organizações e movimentos culturais”, estando a Lia Diskin entre eles) e em 2006 escreveu uma Carta Aberta aos candidatos para as eleições do ano, a qual buscava “a formulação de Políticas Públicas com base nos princípios de Cultura de Paz”. (ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE SÃO PAULO)

3 Lia Diskin foi cofundadora da Associação Palas Athena, uma das principais entidades que divulgam a Cultura de Paz no Brasil, e trabalhou como Coordenadora do Comitê Paulista para a Década de Paz, uma parceria entre a UNESCO e a associação. É uma das principais do movimento brasileiro da Cultura de Paz.

4 Segundo o Comitê Paulista para a Década da Cultura de Paz, o grupo era composto por Norman Borlaug, Adolfo Perez Esquivel, Michail Gorbatchev, Mairead Maguire, Rigoberta Menchu Tum, Shimon Peres, José Ramos Horta, Joseph Rotblat, David Trimble, Desmond Tutu, Elie Wiesel, Carlos F.

Segundo a publicação **Unesco and a Culture of Peace: promoting a global movement** (UNESCO, 1995, p.40, *tradução nossa*), os princípios fundamentais da “Cultura de Paz” são:

- não-violência e respeito pelos direitos humanos;
- diversidade cultural, tolerância e;
- compartilhamento e livre fluxo de;
- participação plena e empoderamento das mulheres.

Para David Adams⁶ (2005a), no entanto, a “Cultura de Paz” pode ser compreendida através da combinação de duas importantes resoluções das Nações Unidas, o “Programa de Ação” e a “Resolução das Nações Unidas de 1998 sobre a Cultura de Paz”⁷), a partir das quais ele constrói uma definição baseada em oito premissas:

Uma cultura de paz é uma proposta de prevenção da violência e dos conflitos violentos, e uma alternativa à cultura da guerra e da violência baseada na educação para a paz, na promoção da economia sustentável e do desenvolvimento social, no respeito pelos direitos humanos, na igualdade entre mulheres e homens, na participação

Ximenes Belo, Nelson Mandela e Dalai Lama, e se encontrou em Paris por conta do 50º aniversário da Declaração Universal dos Direitos Humanos. Eles foram os primeiros signatários do Manifesto 2000.

5 A logomarca criada para a campanha mundial do Ano Internacional por uma Cultura de Paz parece ter contemplado o mote do Manifesto 2000, representando duas mãos unidas. Segundo explicação do Comitê Paulista para a Década da Cultura de Paz, além de ser feita em pigmentos naturais, seguindo os princípios da Ecologia, ela “simboliza a Cultura de Paz com duas mãos entrelaçadas, que significa encontro, confiança mútua e suporte mútuo. Ao mesmo tempo a mão simboliza a Terra, sendo cada continente representado por um dos dedos.” (COMITÊ PAULISTA PARA A DÉCADA DA CULTURA DE PAZ, **A logomarca**)

6 David Adams é um dos principais representantes da Cultura de Paz no âmbito internacional, tendo sido responsável pelo desenvolvimento do “Culture of Peace Programme” da UNESCO, em 1992, e Diretor da “Unit for the International Year for the Culture of Peace” até 2001. É também o criador do site “Global Movement for a Culture of Peace”, que traz informações e documentações sobre a Cultura de Paz.

7 O “Programa de Ação” de 1999 e a “Resolução de 1998 sobre a Cultura de Paz” podem ser encontrados, respectivamente, nos sites The Culture Of Peace News Network (UNESCO, 1999) e United Nations Documentation (UNESCO, 1998).

democrática, na tolerância, no livre fluxo de informações e no desarmamento. (*tradução nossa*)

Para cada um dos oito pontos colocados por Adams, havia, na versão inicial do programa de ação e da resolução enviados pela UNESCO para as Nações Unidas, um contraponto para a “Cultura da Guerra e da Violência” (Culture of War and Violence), os quais foram eliminados da versão final, juntamente com essa expressão, por pressão da União Européia. Do ponto de vista discursivo, esse é um dado relevante, pois indicia a disputa pelos sentidos atribuíveis e/ou atribuídos ao sintagma que aqui nos interessa. Segundo notas de Adams (2005a) sobre encontro informal em maio de 1999,

O representante alemão, em nome da União Européia (...) explicou o porquê de ele ter deletado a frase “rápida transição de uma cultura de guerra e de violência para uma cultura de paz”. Segundo ele, não existe uma cultura de guerra e de violência no mundo (*tradução nossa*)

O desenvolvimento da expressão “Cultura de Paz” teria se baseado, portanto, em uma oposição a essa “Cultura da Guerra e da Violência” que predominava até então. Mesmo sem o reconhecimento da União Européia, o pesquisador disponibiliza em seu site os dois documentos, fazendo notar a grande diferença entre eles e utilizando a seguinte tabela para contrapor a “Cultura da Guerra e da Violência” à “Cultura de Paz” (ADAMS, *ibidem*, *tradução nossa*):

CULTURA DA GUERRA E DA VIOLÊNCIA	CULTURA DA PAZ E DA NÃO-VIOLÊNCIA
Crença no poder baseado na força	Educação para uma cultura de paz

Ter um inimigo	Compreensão, tolerância e solidariedade
Governo autoritário	Participação democrática
Sigilo e propaganda	Livre fluxo de informações
Armamento	Desarmamento
Exploração das pessoas	Direitos Humanos
Exploração da natureza	Desenvolvimento sustentável
Dominação masculina	Igualdade entre homens e mulheres

Cabe notar que, embora David Adams coloque o *desarmamento* como ponto da “Cultura de Paz”, no Programa de Ação elaborado pela UNESCO (para o qual ele também colaborou) e no Programa da Década da Cultura de Paz, baseado naquele, este tópico é substituído por outro, *paz e segurança internacional*, sendo o desarmamento deixado como um dos vários subitens. Os oito eixos desses dois programas ficam, então:

1. Cultura de Paz através da educação;
2. economia sustentável e desenvolvimento social;
3. compromisso com todos os direitos humanos;
4. equidade entre os gêneros;
5. participação democrática;
6. compreensão, tolerância e solidariedade;
7. comunicação participativa e livre fluxo de informações e conhecimento;
8. paz e segurança internacional.

Este oitavo ponto traz uma questão interessantíssima para o debate. Até então, não havia surgido a questão da *segurança* dentro das premissas da “Cultura de Paz”. Esse é um termo que também assume interpretações diversas, como sabemos, nas

palavras de Gunther Rudzit (2005, p.299-300, *grifos nossos*), ex-acessor do Ministro da Defesa:

Tradicionalmente, a maior parte da literatura nessa área é baseada nos conceitos de *poder e paz*. (...) *os realistas tendem a ver a segurança como um derivativo do poder*: um ator com suficiente poder que atinja uma posição dominante adquiriria como resultado a sua segurança. Já *os idealistas tendem a ver a segurança como a consequência da paz*. Uma paz duradoura proveria segurança para todos.

Se pensarmos no termo *segurança* segundo as interpretações dadas por Gunther Rudzit, deduzimos que o sentido convocado nas diretrizes estabelecidas pelo Comitê deve (ou deveria) ser o da visão idealista da *segurança*, que traz em si alguns conceitos pertinentes ao que se refere como “Cultura de Paz”: a união entre os países, a busca comum pela paz. No entanto, na prática as coisas têm sido bem diferentes, como também se pode verificar pelo histórico traçado pelo pesquisador acerca dos acontecimentos que dizem respeito à *segurança internacional*. Segundo Rudzit (2005, p.297), se após o término da Guerra Fria as pesquisas na área de Relações Internacionais haviam voltado suas atenções mais aos desafios econômicos do que aos militares, tomando-os como de maior importância no governo do Estado, o ataque às torres gêmeas em 2001 iniciaram uma nova mudança nesse pensamento, e “(...) o *uso da força* nas relações internacionais voltou a ser considerado não como possível, mas como de fato empregado, como se pôde observar no Afeganistão em 2002 e, principalmente, no Iraque em 2003” (*ibidem*, p.298, grifo nosso). Já decorriam, então, os primeiros anos da Década para a Cultura de Paz, o que torna interessante pensar em como essa expressão se relaciona com as diferentes concepções do termo *segurança internacional*, inserido em um dos eixos do Programa para a Década de Paz.

Segundo o próprio Adams (2005b), falando sobre o oitavo ponto do Programa,

Talvez não haja lugar em que as ironias sejam mais evidentes do que aqui. São os cinco membros permanentes do Conselho de Segurança, Estados Unidos, Reino Unido, França, Rússia e China, que detêm a maioria das armas nucleares e que fazem a maior parte das vendas de armamentos do mundo. (...) Talvez a maior contradição seja que esas grandes potências dominem o Reino Unido, potencialmente nosso maior aliado para a transição até uma cultura de paz. Não é de admirar que tenha sido tão difícil conseguir apoio do Secretariado da ONU para a cultura de paz. (*tradução nossa*)

Esse acontecimento não causa surpresa se lembrarmos que todas as ações promovidas em prol da “Cultura de Paz” e suas prerrogativas seguem o fluxo da *mundialização*, tal como abordada por Mattelart (2005), isto é, no âmbito da comunicação e da cultura, que tem permitido às (auto)eleitas “nações civilizadoras” (SALGADO, 2011, *mimeo*) estender globalmente seu poder e seu entendimento do que sejam essas premissas, fato que pode ser constatado visivelmente, por exemplo,

(...) nas novas práticas de intervenção territorial, que, em nome da *liberdade* e da *democracia*, transitarão pelo globo como forças expedicionárias que visam garantir o bom funcionamento local onde supostamente falham a *liberdade* e a *democracia* celebradas globalmente. (SALGADO, 2011, *mimeo*)

Mas não se trata somente dessa questão. Ela nos interessa também por um contexto mais amplo, ou seja, em termos discursivos, por ser parte de uma conjuntura que trata das diversas interpretações reivindicadas em cada ocorrência do sintagma “Cultura de Paz”. Chegamos, assim, ao ponto em que nosso objeto de estudo se delinea nos termos da proposta de Krieg-Planque (2010), relativos à noção de fórmula discursiva. Segundo a autora (KRIEG-PLANQUE, 2010, p.9), a fórmula designa

(...) um conjunto de formulações que, pelo fato de serem empregadas em um momento e em um espaço público dados, cristalizam questões políticas e sociais que essas expressões contribuem, ao mesmo tempo, para construir.

Essas formulações são sintagmas verbais que devem ter, em maior ou menor grau (pois trata-se de uma gradação, podendo as diferentes fórmulas ter um aspecto mais evidente que outro), quatro características: 1) assumirem um caráter cristalizado; 2) estarem inscritos numa dimensão discursiva; 3) funcionarem como referentes sociais; e 4) comportarem um aspecto polêmico (KRIEG-PLANQUE, 2010, p.61).

No que diz respeito à primeira propriedade, a *cristalização*, Alice Krieg-Planque (2010, p.61) afirma que a fórmula “(...) é sustentada por uma forma significante relativamente estável”. Essa cristalização, que também é relativa, torna possível a detecção dos sintagmas candidatos à fórmula através do acompanhamento da frequência com que ele aparece no *espaço público*⁸. Observando a sequência “Cultura de Paz” (com a variante “Cultura da Paz”), por exemplo, temos uma unidade lexical complexa que se cristalizou ao longo dos últimos vinte e dois anos (desde seu surgimento em 1989), e que hoje conta com mais de um milhão e meio de ocorrências na ferramenta de busca do Google, tendo portanto uma forma identificável e possível de rastrear, o que a torna uma candidata à condição de fórmula.

A segunda propriedade, a *dimensão discursiva*, deve-se ao fato de a fórmula ser uma noção essencialmente discursiva, pois se trata de materialidade linguística que “não

⁸ O *espaço público* é considerado aqui como o local fundamentalmente midiático de projeção dos diversos aspectos da sociedade, “por meio do qual os atores compartilham seus pontos de vista, expõem suas opiniões em praça pública, tornando-as, desse modo, visíveis a quaisquer outras pessoas, alimentando, assim, a possibilidade de um debate público e contraditório de suas opiniões” (KRIEG-PLANQUE, 2010, p.114).

existe sem os usos que a tornam uma fórmula” (KRIEG-PLANQUE, 2010, p.81). Assim, nenhum sintagma verbal está destinado a ser (ou não) formulaico, sendo necessária a análise de sua circulação em um determinado recorte temporal para se verificar se alcança essa condição. Cabe notar que a sequência pode tanto surgir já com o status de fórmula, como supomos ser o caso da “Cultura de Paz”, quanto desenvolver esse caráter em meio a sua trajetória devido algum uso particular (ou uma série de usos), como ocorre na maioria das vezes (*ibidem*, p.82). A sequência “sem-documento” (“sans-papiers”), por exemplo, parece ter se tornado uma fórmula na segunda metade de 1996, quando ocorreu “o caso dos sem-documento da igreja Saint-Bernard” e ela passou a ter uma aparição expressiva no espaço público (KRIEG-PLANQUE, 2010, p.85).

O funcionamento como um *referente social*, terceira condição para que um sintagma cristalizado seja classificado como fórmula, deve-se, segundo Pierre Fiala e Marianne Ebel (citados por Krieg-Planque em MOTTA; SALGADO, 2011, p.18), ao fato de que

(...) surgem fórmulas na linguagem em relação às quais o conjunto de forças sociais e o conjunto dos locutores são obrigados a tomar posições, a defini-las, a combatê-las ou a aprová-las, mas, em qualquer caso, a fazê-las circular de uma maneira ou de outra.

Em outras palavras, isso acontece quando a sequência torna-se presença obrigatória nos para além dos contextos sociais em que surge, transcendendo o lugar discursivo de origem e podendo, inclusive, “(...) funcionar como índice de reconhecimento que permite 'estigmatizar' – positivamente ou negativamente – seus usuários” (KRIEG-PLANQUE, 2010, p.74).

Um indício forte desse acontecimento, no caso da sequência “Cultura de Paz”, é sua extensa adoção por Universidades, Associações e ONGs, além de sua presença em regras de concursos e em instâncias legislativas, muitas vezes devido ao reconhecimento e à visibilidade, seu uso confere prestígio à entidade, já que atitudes que se encaixariam perfeitamente dentro das concepções da “Cultura de Paz”, tal como delineadas por David Adams (2005a) e citadas anteriormente, muitas vezes não são vistas e reconhecidas como tal, se não utilizarem explicitamente essa denominação. Trata-se, por exemplo, da seção “Saber o sabor da experiência” da Cartilha **Cultura de Paz: Redes de Convivência** (DISKIN, 2009, p.30), em que dez projetos foram selecionados para representar algumas das “ações em prol da Cultura de Paz”, mas um dos requisitos para participar da seleção era “ter a cultura de paz explicitamente entre seus objetivos”.

Outra característica proposta por Krieg-Planque (2010, p.99-100) diz respeito ao *caráter polêmico* da fórmula, o qual está intimamente ligado à propriedade de *referência social* pelo fato de a expressão constituir “um suposto denominador comum” mas comportar diversos sentidos, reivindicados por institucionalidades distintas. Isso se deve também ao fato de a fórmula condensar questões políticas e sociais, como a autora explica,

põe[m] em jogo os modos de vida, os recursos materiais, a natureza e as decisões do regime político do qual os indivíduos dependem, seus direitos, seus deveres, as relações de igualdade ou de desigualdade entre cidadãos, a solidariedade entre humanos, a ideia que as pessoas fazem da nação de que se sentem membros.

Esse quadro teórico nos parece adequado para estudarmos criticamente a condição da “Cultura de Paz” no Brasil, delimitado como o país da América Latina com

maior número de entidades que promovem atividades em nome desse lema⁹ (ADAMS et al, 2011). Apesar do grande envolvimento brasileiro por parte de universidades, ainda não é possível encontrar estudos acadêmicos sobre o assunto que tratem da questão para além da abordagem laudatória, com uma análise acurada de seu desenvolvimento.

Procurando contribuir para o fim dessa lacuna é que pretendemos realizar um estudo discursivo da circulação do sintagma “Cultura de Paz” no espaço público (KRIEG-PLANQUE, 2010). Cabe enfatizar que o êxito do projeto não consistirá na confirmação da adequação dessa sequência como fórmula discursiva, mas no percurso metodológico a ser realizado, que permitirá a análise das relações existentes entre o material linguístico em questão e os sentidos produzidos nos diferentes meios em que circula, buscando, principalmente,

compreender a forma como diversos atores sociais (homens e mulheres políticos, militantes de associações, representantes sindicais, dirigentes de empresas, comunicadores, jornalistas profissionais, intelectuais...) organizam, por meio dos discursos, as relações de poder e opinião. (KRIEG-PLANQUE, 2010, p.9)

Para isso, faremos, primeiramente, um levantamento de ocorrências da expressão através do entrecruzamento de discursos e ações de instituições brasileiras durante a “Década Internacional para uma Cultura de Paz e Não Violência para as Crianças do Mundo”, com o auxílio de obras que sintetizam as principais ações desenvolvidas durante a Década para a Cultura de Paz, tais como **Cultura de paz: da reflexão à ação - Balanço da Década Internacional da Promoção da Cultura de Paz**

⁹ Segundo o último relatório da sociedade civil para a “Década Internacional para uma Cultura de Paz e Não Violência para as Crianças do Mundo” (ADAMS et al, 2011), dentre os países da América Latina e Caribe que colaboraram com informações sobre atividades em prol da Cultura de Paz, o maior número de entidades colaboradoras está no Brasil, com 95 organizações, seguido pela Argentina, com 48, e pela Colômbia, com 23.

e Não Violência em Benefício das Crianças do Mundo (DISKIN; NOLETO, 2010), que enumera alguns dos projetos brasileiros mais representativos para a campanha, o **Relatório Mundial de Cultura de Paz** (ADAMS, 2007), e o último relatório sobre a Década, **Report on the Decade for a Culture of Peace: Final Civil Society Report on the United Nations International Decade for a Culture of Peace and Non-violence for the Children of the World (2001-2010)** (ADAMS et al, 2011), além de pesquisa a ser realizada em portais de jornais como Folha de São Paulo, Estadão e Brasil de Fato, a fim de verificar como esses dispositivos midiáticos fizeram (ou não) a expressão circular. Em uma breve busca nos sites de cada uma dessas mídias, notamos uma diferença grande de ocorrências da sequência “Cultura de Paz”: no Estadão, não houve nenhuma; no Brasil de Fato, constaram apenas quatro resultados; e na Folha de São Paulo, cento e dezesseis. O levantamento realizado com *softwares* de estatística textual auxiliará numa verificação mais precisa desses dados, e esperamos que a análise do material nos permita ver o significado dessas diferenças de circulação.

Procuraremos, portanto, identificar as questões políticas e sociais cristalizadas no sintagma “Cultura de Paz” de acordo com sua circulação principalmente no Brasil, mas considerando que não se pode deixar de lado a conjuntura internacional, acompanhada através de documentos emitidos pela UNESCO e pelas Nações Unidas e publicações de estudos (ainda escassos no Brasil), em especial os de David Adams (2005), um dos poucos a abordar questões críticas e contradições do movimento.

2. Objetivos

Os objetivos desta pesquisa são, portanto:

- realizar um mapeamento de discursos em que aparece a expressão Cultura de Paz e que circularam durante a “Década Internacional para uma Cultura de Paz e Não Violência para as Crianças do Mundo”, focando principalmente a situação brasileira, sem, entretanto, ignorar a conjuntura internacional;
- identificar e analisar os usos que se têm feito desse sintagma, bem como as questões políticas e sociais cristalizadas nele e mobilizadas em cada ocorrência;
- verificar se a “Cultura de Paz” pode ser categorizada como uma fórmula discursiva, segundo os parâmetros de Krieg-Planque (2010);
- explorar a proposta teórica e metodológica oferecida por Krieg-Planque aos estudos do discurso político.

3. Material e Métodos

A pesquisa será realizada com o auxílio das obras **Cultura de paz: da reflexão à ação - Balanço da Década Internacional da Promoção da Cultura de Paz e Não Violência em Benefício das Crianças do Mundo** (DISKIN; NOLETO, 2010), **Relatório Mundial de Cultura de Paz** (ADAMS, 2007) e **Report on the Decade for a Culture of Peace: Final Civil Society Report on the United Nations International Decade for a Culture of Peace and Non-violence for the Children of the World (2001-2010)** (ADAMS et al, 2011), além de jornais e documentos obtidos em sites oficiais de instituições brasileiras e internacionais.

O mapeamento e a seleção das ocorrências levarão em conta o quadro teórico e a metodologia propostos por Krieg-Planque (2010). Como os usos só podem ser verificados pelo contexto do enunciado em que aparecem, a automatização do processo de seleção será feita somente em um primeiro momento da pesquisa, por meio de

softwares especializados em estatística textual, que auxiliarão no levantamento das ocorrências da sequência em questão e na delimitação dos dispositivos midiáticos que fizeram o sintagma circular no período em questão. Posteriormente, será necessária uma leitura prévia que conte com um “interpretante razoável” do material, a fim de realizar um recorte interessante para a análise. A esse respeito, a autora explica que

o interpretante razoável é aquele que não é nem inteiramente invadido pelo já-dito de toda palavra, aturdido pelo dialogismo no qual cada palavra se produz, sufocado pela memória interdiscursiva de que o mais singelo dos discursos é depositário (...), nem inteiramente preso aos grilhões do dicionário e da gramática mais tradicional, que ele reconhece como parâmetros de representação de uma língua 'correta' (KRIEG-PLANQUE, *apud* MOTTA; SALGADO, 2011, p.30)

Como o processo não será feito de modo estritamente formalista, poderão ser levantadas também eventuais variantes de natureza morfológica (como é o caso da variação “Cultura de Paz” / “Cultura da Paz”) e morfossintática, ou formulações e paráfrases que, embora formalmente diferentes em alguma medida, atuem nos discursos como a fórmula em questão.

4. Forma de análise dos resultados

Considerando a proposta de Krieg-Planque (2010), a análise será realizada através da verificação de como as quatro propriedades da fórmula discursiva se manifestam e se relacionam nas ocorrências do sintagma “Cultura de Paz” no arquivo contituído pelas estratégias metodológicas acima detalhadas.

5. Plano de Trabalho e Cronograma de sua execução

Do cronograma abaixo, elaborado para o período para o qual se pede a bolsa (dois anos, de março de 2012 a fevereiro de 2014), constam as seguintes atividades:

Plano de trabalho e cronograma de sua execução													
atividades	2012						2013						2014
	1º bim	2º bim	3º bim	4º bim	5º bim	6º bim	1º bim	2º bim	3º bim	4º bim	5º bim	6º bim	1º bim
1	█												
2	█						█						
3	█						█						
4	█						█						
5				█			█						
6				█									
7				█									
8										█			

1. frequência às disciplinas de pós-graduação de interesse para o desenvolvimento do projeto;
2. participação em congressos, seminários e encontros para discussão e divulgação da pesquisa, além do grupo de estudos Comunica, no âmbito do Departamento de Letras da UFSCar, coordenado pelos Professores Doutores Luciana Salazar Salgado e Roberto Leiser Baronas;
3. leitura e discussão dos textos constantes da Bibliografia na área de Análise do Discurso, conforme trilha proposta por Krieg-Planque em seus trabalhos recentes;
4. levantamento de documentos que registram e/ou comentam a Cultura de Paz (e, mais especificamente, seu desenvolvimento no Brasil);
5. estabelecimento do corpus;
6. análise do corpus e interpretação discursiva dos dados;

7. elaboração e redação da dissertação;
8. preparação para a qualificação.

6. Bibliografia fundamental

ADAMS, David. (2005). **Global Movement for a Culture of Peace**. Disponível em: <http://www.culture-of-peace.info/copoj/index.html>. Acesso em 28 de julho de 2011.

_____. (2005a) Definition of Culture of Peace, *in Global Movement for a Culture of Peace*. Disponível em: <http://www.culture-of-peace.info/copoj/definition.html>. Acesso em 28 de julho de 2011.

_____. (2005b). International Peace and Security, *in Global Movement for a Culture of Peace*. Disponível em <http://www.culture-of-peace.info/copoj/security.html>. Acesso em 28 de julho de 2011.

_____. (2007). **Relatório Mundial de Cultura de Paz**. Disponível em: http://www.fund-culturadepaz.org/spa/INFORME_CULTURA_DE_PAZ/INFORME/informeFCP_por.pdf. Acesso em 5 de julho de 2011.

ADAMS, David et al (2011). **Report on the Decade for a Culture of Peace: Final Civil Society Report on the United Nations International Decade for a Culture of Peace and Non-violence for the Children of the World (2001-2010)**. Disponível em: <http://decade-culture-of-peace.org/>. Acesso em 3 de julho de 2011.

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE SÃO PAULO. **CONPAZ** (Conselho Parlamentar pela Cultura de Paz). Disponível em: <http://www.al.sp.gov.br/portal/site/Internet/menuitem.b7a457b790929bbd176679cd560041ca/?vgnextoid=c9d0671976067110VgnVCM100000590014acRCRD>. Acesso em 1 de agosto de 2011.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique (2008). **Dicionário de análise do discurso**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

COMITÊ PAULISTA PARA A DÉCADA DA CULTURA DE PAZ. **Manifesto 2000**. Disponível em http://www.comitepaz.org.br/o_manifesto.htm. Acesso em 28 de julho de 2011.

_____. **A logomarca**. Disponível em: http://www.comitepaz.org.br/a_logomarca.htm. Acesso em 15 de junho de 2011).

DISKIN, Lia (2009). **Cultura de paz: redes de convivência**. SENAC São Paulo. Versão digital disponível em: <http://www1.sp.senac.br/hotsites/gd4/culturadepaz/>. Acesso em 24 de junho de 2011.

DISKIN, Lia; NOLETO, Marlova Jovchelovitch (coord.) (2010). **Cultura de paz: da reflexão à ação - Balanço da Década Internacional da Promoção da Cultura de Paz e Não Violência em Benefício das Crianças do Mundo**. UNESCO.

KRIEG-PLANQUE, Alice (2000). **Emergence et emplois de la formule “purification ethnique” dans la presse française (1980-1994)**. Une analyse de discours, thèse de doctorat em sciences du langage soutenue le 9 novembre 2000 à l'Université de Paris 13. Paris Nord, 3 vol., 840 p.

_____. (2010). **A noção de “fórmula” em análise do discurso: quadro teórico e metodológico**. Trad. Luciana Salazar Salgado, Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial. (Lingua[gem]; 39)

MATTELART, Armand. **Diversidade Cultural e mundialização**. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2005. (Episteme; 2)

MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana Salazar (org.). **Fórmulas discursivas**. São Paulo: Contexto, 2011.

ONU (2000). **Carta da terra**. Disponível em: <http://convivenciaepaz.org.br/cultura-de-paz/textos/>. Acesso em 28 de junho de 2011.

PREFEITURA DE SÃO PAULO. **Secretaria Municipal de Esportes, Lazer e Recreação**. Disponível em: http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/esportes/cultura_de_paz/index.php?p=8588, Acesso em 1 de agosto de 2011).

RUDZIT, Gunther. **O debate teórico em segurança internacional: mudanças frente ao terrorismo?** Civitas – Revista de Ciências Sociais, v. 5. n. 2, jul.-dez. 2005. pp.297-323. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/view/5/1598>. Acesso em 5 de julho de 2011.

SALGADO, Luciana Salazar. “Criação num mundo sem fronteiras: paratopia no período técnico-científico informacional”. 2011. *Mimeo*.

UNESCO (2000). **Manifesto 2000: Por uma cultura de paz e não violência**. Disponível em: <http://convivenciaepaz.org.br/cultura-de-paz/textos/>. Acesso em 28 de junho de 2011.

UNESCO (1995). **Unesco and a Culture of Peace: promoting a global movement** (UNESCO Culture of Peace Programme). Disponível em: <http://www.culture-of-peace.info/monograph/page1.html>. Acesso em 24 de julho de 2011.

UNITED NATIONS (1999). Programme of Actions. **The Culture Of Peace News Network**. Disponível em: <http://cpnn-world.org/resolutions/resA-53-243B.html>. Acesso em 28 de julho de 2011.

UNITED NATIONS (1988). 1998 UN resolution on the culture of peace. **United Nations Documentation**. Disponível em: <http://www.un.org/depts/dhl/resguide/r53.htm>. Acesso em 28 de julho de 2011.

São Carlos, 25 de agosto de 2011.

Helena Maria Boschi da Silva
(pesquisadora)

Prof. Dr. Roberto Leiser Baronas
(orientador)
Departamento de Letras
Programa de Pós-Graduação em Linguística
Centro de Educação e Ciências Humanas
UFSCar – São Carlos